

Companhia de Música Teatral: Paulo Maria Rodrigues (música e direcção artística), Helena Rodrigues (texto), Pedro Sena Nunes (vídeo), (2003). *BebéBabá – Da musicalidade dos afectos à música com bebés.*

Porto: Campo das Letras. Livro: 95 págs + Vídeo

M. Helena Vieira
mhglv@ieec.uminho.pt



No número 116 desta Revista (Maio a Agosto de 2003) publicou-se uma recensão de Margarida Fonseca Santos à obra *Andakibebé* (livro e CD) da Companhia de Música Teatral. Os autores dessa obra, Paulo Maria Rodrigues (música) e Helena Rodrigues (texto) são os fundadores e orientadores dessa Companhia, um grupo variado (e variável) de profissionais das artes que tem desenvolvido projectos pioneiros no âmbito da “música cénica” e do “teatro musical”. Desses projectos, e para além da referida obra, destacam-se: *Uma prenda para Eugénio de Andrade, As Cidades e a Serra, O Gato das Notas, Nós e Voz, BebéCucú, Tribunal da Ralação, Morte e Nascimento de uma Flor*, e ainda o trabalho que é objecto desta recensão: *BebéBabá – Da musicalidade dos afectos à música com bebés*.

Para um conhecimento mais aprofundado das actividades da Companhia de Música Teatral os leitores poderão consultar o site www.musicateatral.com. Contudo, pode destacar-se desde já que todos os projectos deste grupo se regem por objectivos de articulação entre a investigação académica, a produção artística, a criação tecnológica, o envolvimento da comunidade e a divulgação para o público de ideias recentes sobre a importância da experiência musical nas idades mais precoces (*cf.* objectivos expressos da Companhia de Música Teatral).

A referência destacada à obra *Andakibebé* prende-se com a própria evolução do trabalho de divulgação da Companhia de Música Teatral, já que nessa obra, que fora apresentada em espectáculo

no Teatro Viriato em Viseu, em 2001, se incluem canções e outros momentos artísticos que, agora, são documentados em vídeo na obra *BebéBabá*. A inclusão do vídeo do projecto *Andakibebé* em *BebéBabá* ficou a dever-se, por um lado, ao entusiasmo natural do autor do vídeo, Pedro Sena Nunes (o qual realizou a gravação, de forma espontânea, num dos espectáculos em Viseu), por outro, aos pedidos de diversos educadores de infância, professores de música e outros profissionais a quem, posteriormente, o projecto e o vídeo foram apresentados. Assim, a publicação *BebéBabá* destina-se, fundamentalmente a divulgar, em livro, diversos aspectos da *teoria de aprendizagem musical* de Edwin Gordon (pedagogo e investigador americano, sob cuja égide teórica se tem desenvolvido todo o trabalho da Companhia de Música Teatral) e a documentar, em vídeo, um exemplo experimental com funções didácticas de como os princípios dessa teoria podem ser levados à prática por pais e educadores. Uma pequena ressalva, porém: no vídeo apresentado foram feitos cortes aos momentos maiores de silêncio (ocorridos, naturalmente, em palco, durante o espectáculo com as crianças) o que, segundo os autores, “poderá levar à falsa ideia de sobre-estimulação dos participantes”. Esta é uma ressalva fundamental para o leitor que adquira a obra, já que se relaciona com o conceito e a funcionalidade do *silêncio*, aspecto importantíssimo da *teoria da aprendizagem musical* de Gordon, quer no que se refere ao respeito pela mobilidade, evolução e plasticidade natural dos movimentos da criança, quer como condição imprescindível para a ocorrência do processo de *audiação*. Este é um termo cunhado por Gordon para definir o pilar da sua teoria, segundo o qual “se ouve ou compreende música cujo som já não está ou pode nunca ter estado fisicamente presente”, e através do qual se pode produzir música com sentido e compreensão “gramatical” do fenómeno sonoro, em vez de apenas se *re-produzir* o que se ouviu, por imitação¹. Os silêncios em palco (mais curtos no vídeo) não podem retratar visualmente o que se passa na mente de cada criança durante os diversos momentos de *audiação*, mas constituem, sem dúvida, o “momento de ouro” em que a aprendizagem dos diversos conceitos musicais se processa de facto.

Para que os diversos conceitos musicais se formem na mente das crianças (e à semelhança do que se passa com a aprendizagem de uma língua materna) é necessário que sejam apresentados, didacticamente e numa mesma actividade, elementos contrastantes (por exemplo, subdivisão binária e subdivisão ternária; tonalidade maior e tonalidade menor, ou escalas modais, etc.) e que se recorra à repetição de padrões, claros e facilmente identificáveis. O princípio do *contraste*, tão fulcral no pensamento de Gordon, e claramente explorado nas canções e actividades de *BebéBabá* (e da Companhia de Música Teatral *tout court*) nasceu com o suíço Ferdinand de Saussure e o seu *Curso de Linguística Geral* (1916, ed. *post mortem*). Este manual universitário francês de Linguística veio a ter repercussões nas mais diversas áreas do saber ao longo de todo o século XX e até aos nossos dias, desde a literatura à psicologia, desaguando naturalmente na didáctica e suas aplicações específicas aos diversos saberes. Saussure recordava, recorrendo à metáfora do tabuleiro de xadrez, que a aprendizagem conceptual de uma língua se efectua por contraste e comparação: compreendemos o que quer dizer “pata” por oposição a “bata” e “mata”, e apreendemos o enorme valor dos fonemas, como menor unidade fonética e semântica². Da mesma forma, Gordon veio sublinhar que uma criança compreenderá o que quer dizer “tonalidade maior” quando escutar e interpretar a mesma canção (e não outra diferente) em “maior” e em “menor”; compreenderá a subdivisão ternária quando confrontar um padrão ternário com um binário que lhe seja equivalente (*cf.* 21-23)³.

O leitor, musicalmente educado, que escute os excertos e as canções interpretadas no vídeo de *BebéBabá* pela Companhia de Música Teatral e pelos pais (presentes em palco com as crianças) verificará que, por trás da naturalidade, de um certo improviso dos movimentos, e da aparente dispersão dos fragmentos musicais apresentados, há todo um programa, cuidadosamente elaborado (mas flexível), no sentido de providenciar um leque muito variado de elementos da linguagem musical ocidental à experiência daquelas crianças. A língua materna é aproveitada como veículo de experiências sonoras, o que se torna particularmente sensível no recurso a lenga-lengas, repetições, silêncios e onomatopeias. Merece particular destaque, pela adequação à idade das crianças e à sua capacidade de atenção (“*attention span*”) o facto de as canções não serem muito extensas e de os elementos musicais serem apresentados em pequenos “*flashes*”, seguidos de silêncios, e não em longas actividades que se tornariam monótonas.

A ideia de Colwyn Trevarthen, apresentada no Prefácio, de que estamos perante um projecto que vem realçar a nossa “capacidade de nos envolvermos emocionalmente com o Mundo e com quem nos rodeia, que é o que dá sentido à vida e faz dela uma experiência rica e memorável” contra uma certa “primazia que damos à nossa natureza racional” (p. 7) parece-me, portanto, simultaneamente falsa e verdadeira. Falsa, porque, pelo que atrás foi dito (e que o leitor/ouvinte poderá comprovar) *BebéBabá* se alicerça em princípios do mais racional e lógico que existe no mundo da pedagogia musical, por trás de toda a alegria e flexibilidade em palco (a obra pedagógica de Gordon, aliás, defende a necessidade de uma justiça no acesso generalizado à compreensão – por assim dizer – “gramatical” da linguagem musical); verdadeira, porque, no fundo, a “capacidade de nos envolvermos emocionalmente com o Mundo e com quem nos rodeia” terá que estar sempre, talvez, indelevelmente ligada à procura da compreensão racional desse mesmo Mundo, das pessoas que nos rodeiam, e das linguagens que utilizam (quase sempre complexas, porque humanas). António Damásio não nos recordou outra coisa quando concluiu que a racionalidade humana não pode ser desligada da emoção, e que nem a razão nem a emoção têm prioridade cronológica na nossa existência. (O “pecado capital” de Descartes, afinal, para Damásio, teria sido mesmo esse, o do dualismo, da separação da alma e do corpo, da *res cogitans* e da *res extensa*...) ⁴ Ser “humano”, atrever-me-ei, terá que ser sempre, então, emocionar-se sobre o que se compreende ou vislumbra... e compreender as emoções. Poderemos é emocionar-nos e compreendermos de muitas maneiras e em muitos graus...

A “prova-dos-nove” da verdadeira compreensão da linguagem musical dá-se quando o ouvinte passa a criador. Todas as correntes pedagógicas o defendem. Criar e improvisar são verbos fundamentais, metas claras e pedra de toque nas metodologias de muitos pedagogos, com especial ênfase em Orff, Swanwick, Schaeffer, Paynter e Gordon. Contudo, Gordon sublinha a perspectiva de que a essência da criatividade é sempre uma reorganização de elementos e material musical adquiridos e compreendidos previamente. Por isso, Helena Rodrigues avisa na “Nota de abertura” de *BebéBabá*: “sejamos modestos, a criatividade é coisa dos deuses. Os outros vão apenas rearrumando peças de um caleidoscópio preexistente ou simplesmente acrescentando ‘notas de rodapé’” (p. 9). Ao professor, aos pais, caberá, então, e na medida do possível, apresentar o maior número de peças e cores desse caleidoscópio à criança. O vídeo não permite, obviamente, acompanhar de perto essa resposta individual de cada bebé, os pequenos momentos de surpresa imitativa ou de arrojo criativo. Contudo, é visível a alegria generalizada, os movimentos repetidos aqui e ali, com entusiasmo, ao som das canções e lenga-lengas. E é fácil de perceber que a qualidade técnica das experiências de aprendizagem musical a realizar com crianças dependerá muito da formação do professor e dos pais, da sua compreensão do funcionamento da linguagem musical, do seu conhecimento de um repertório apropriado, da qualidade da sua voz (e a voz é, neste projecto, “o meio musical privilegiado, quer a solo, quer acompanhada ao piano”; p. 15), da sua capacidade ou dificuldade em tocar um instrumento, do seu jeito para dançar. Mas os autores do projecto sublinham antes a importância de encontrar momentos para fazer arte em família, locais e oportunidades de ocupação simultânea de pais e filhos (p. 34), e a “necessidade de gerar dinâmicas de relação e interacção humana”, mais do que ceder aos “determinismos de uma sociedade de consumo” e à “exacerbação técnica do virtuosismo” (p. 11), porque ser músico (concluem) não é só ler uma partitura e tocar um instrumento (p. 36).

Notas

- ¹ Edwin Gordon (2000), *Teoria de Aprendizagem Musical para Recém-Nascidos e Crianças em Idade Pré-Escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 17, 27-51, 122-130.
- ² Ferdinand de Saussure (1995), *Curso de Linguística Geral*. Lisboa: D. Quixote, 7.ª ed.
- ³ Nota: Cf. Helena Rodrigues “BebéBabá e a teoria de aprendizagem musical: o igual e o diferente”, (subcapítulo).
- ⁴ António R. Damásio (1995), *O Erro de Descartes. Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Lisboa: Publicações Europa-América, 12.ª ed. (Col. Fórum da Ciência, 29).

N.º 124
Janeiro a Abril 2006

Revista

de

Educação

Musical

apem associação portuguesa de educação musical



Revista de Educação Musical

Propriedade e Administração

apem Associação Portuguesa de Educação Musical • Instituição de Utilidade Pública • Representante em Portugal da ISME-International Society for Music Education • Rua Francisco Manuel de Melo, 36, 1.º Dto. 1070-087 Lisboa, Tel./ Fax (351)21 38 68 101 - Email: apem@apem.jazznet.pt **Direcção da APEM** Elisa Lessa, Graça Boal Palheiros, Maria Manuela Encarnação, Vasco Manuel Broco da Silva, Vítor Carlos Viçoso de Paiva.

Directora Elisa Lessa, Universidade do Minho **Vice-directora** Graça Boal Palheiros, Instituto Politécnico do Porto **Conselho redactorial** Elisa Lessa, Graça Boal Palheiros, Maria Manuela Encarnação **Conselho científico** David Hargreaves, Universidade de Surrey, Roehampton, Londres • Elisa Lessa • Graça Boal Palheiros • Graham Welch, Universidade de Londres • João Pedro Oliveira, Universidade de Aveiro • José Carlos Godinho, Instituto Politécnico de Setúbal **Design** Amadeu Alvarenga, Universidade do Minho.

Impressão Barbosa & Xavier, Lda. - Rua Gabriel Pereira de Castro, 31 A e C, Braga - 4700-385 Braga

Tiragem 1200 exemplares **Periodicidade** quadrimestral

Preço por número 7,50 € **Assinatura anual** 20,00 €.

Registo no SRIP n.º 109959

N.º Depósito legal 88071/95

Apoios:



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR

Portugal